

INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA E INCLUSÃO SOCIAL

Maria da Conceição Pinto Antunes
mantunes@iep.uminho.pt

Paula Patrícia Ribeiro Alves
p.patricia@sapo.pt

Instituto de Educação e Psicologia
Universidade do Minho

Resumo

O fenómeno da globalização torna a educação intercultural um desafio e uma meta para todos. Promover o contacto com diferentes discursos e diferentes culturas, proporcionar expressões culturais de procedência diversa e reconhecer valores e perspectivas diferenciadas de interpretar a vida são factores que fomentam atitudes positivas para uma convivência intercultural enriquecedora e, logo, promotora de inclusão e igualdade. Neste contexto a educação intercultural deveria dirigir-se a todos os cidadãos, todos os grupos e todos os contextos de educação, formal, não-formal e informal.

Este breve ensaio pretende ser um texto reflexivo e crítico redigido a partir de uma intervenção educativa intercultural realizada com uma comunidade de minoria étnica cigana no âmbito de uma experiência de estágio da Licenciatura em Educação da Universidade do Minho.

Com ele pretendemos evidenciar a importância capital da educação intercultural no âmbito das iniciativas educativas não-formais (projectos de intervenção e desenvolvimento comunitário), tendo em consideração que a educação intercultural é um factor promotor de inclusão e de democratização social e cultural.

Os projectos de intervenção/desenvolvimento comunitário, enquanto projectos que procuram catalizar e rentabilizar as potencialidades e recursos das comunidades, ao empenhar-se em fazer dos indivíduos, dos grupos e das comunidades participantes activos do seu processo de emancipação e desenvolvimento pessoal/colectivo, têm vindo a afirmar-se como um meio de intervenção relevante na promoção da inclusão e mudança de situações sociais de auto e hetero-exclusão.

1. Introdução

Enquanto fenómeno complexo e heterogéneo, a exclusão social é definida por Robert Castel como “uma fase extrema de um processo de marginalização que pode ter na sua origem situações de pobreza, ou seja, de privação por falta de recursos básicos mas que pode também estar associado a outros vectores de ruptura na vida dos indivíduos que os colocam numa posição de «anomia» face à sociedade e que não se relacionam necessariamente com a ausência de recursos materiais” (cit. in Capucha, 1999:27). As minorias étnicas são franjas populacionais que vivem frequentemente em situação de exclusão social, quer por questões de pobreza, quer por questões de rupturas ao nível das relações sociais.

A intervenção comunitária enquanto intervenção socioeducativa que procura catalizar e rentabilizar as potencialidades e recursos das comunidades, ao empenhar-se em fazer dos indivíduos, dos grupos e das comunidades participantes activos do seu processo de emancipação e desenvolvimento pessoal/colectivo, tem vindo a afirmar-se como um meio de intervenção relevante na promoção da inclusão e mudança de situações sociais de auto e hetero-exclusão.

Maioritariamente, a intervenção comunitária assume a estrutura de projectos de animação sociocultural “enquanto percebida como uma forma de acção sócio-pedagógica que, sem um perfil de actuação perfeitamente definido, se caracteriza pela busca e intencionalidade de gerar processos de participação de pessoas” (Ander-Egg, 2000:118). Caracteriza-se, fundamentalmente, por um conjunto de práticas sociais que procuram estimular a iniciativa, bem como a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento (UNESCO, 1998). Corroborando Besnard (1991), estas práticas são actividades voluntárias, abertas, desinteressadas, praticadas em grupo, não requerendo um nível prévio e realizando-se com a ajuda de um animador.

Trata-se de um processo de intervenção que promove entre os agentes-sociais a participação nas tarefas da colectividade, na gestão e resolução dos seus problemas e necessidades assumindo, assim, um maior controlo sobre as condições que afectam as suas vidas contribuindo, activamente, para uma melhoria significativa da sua qualidade de vida.

Com estes objectivos, no âmbito de um estágio curricular da Licenciatura em Educação da Universidade do Minho¹, desenvolvemos um projecto de intervenção comunitária com a finalidade de promover a inclusão e democratização social e cultural.

No contexto de intervenção do estágio, a animação sociocultural assumiu um papel de grande relevo, permitindo a participação e comunicação de todos os participantes, assim como desenvolver competências e aumentar a auto-estima através de actividades lúdicas, físicas e mentais. A partir do lúdico os agentes-actores tiveram a oportunidade de exprimir a sua leitura do mundo, comunicar os seus interesses, os seus desejos, os seus sonhos e adquirir novas formas de percepção que promoveram mudanças no seu estilo de ser e viver.

Promovendo o contacto com diferentes discursos e diferentes culturas, proporcionando expressões culturais de procedência diversa e reconhecendo valores e perspectivas diferenciadas de interpretar a vida, procurámos fomentar atitudes positivas para uma convivência intercultural enriquecedora e, logo, promotora de inclusão e igualdade.

2. Projecto de Educação para a Inclusão: “EDUCAR COM ARTE”

Exposição do Projecto

O projecto “Educar com Arte” foi desenvolvido no âmbito de um estágio curricular da Licenciatura em Educação, no ramo de pré-especialização Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Minho e consistiu na concepção, implementação e avaliação de um projecto de intervenção comunitária.

Para a concretização deste projecto, a Universidade do Minho estabeleceu parceria com a “Sol do Ave – Associação para o Desenvolvimento Integrado do Vale do Ave”, sediada em Guimarães.

O projecto “Educar com Arte” pretendeu ser um instrumento de dinamização e implementação de novas actividades no Empreendimento de Monte de S. Pedro (bairro social), espaço onde intervém a Sol do Ave. Por conseguinte, procurou projectar um espaço educativo e de lazer, onde os intervenientes se sentissem motivados favorecendo, assim, o desenvolvimento das suas capacidades intelectuais e emocionais, apelando à imaginação e à criatividade.

Sinalização do Ponto de Partida e Diagnóstico de Necessidades

A concretização do projecto esteve dependente de uma avaliação cuidadosa das necessidades do público-alvo. Para tal, foi necessário identificar os problemas e necessidades sentidas pela população em estudo – moradores do Bairro de Monte S. Pedro.

De acordo com De Ketele (1994:30), a “necessidade é uma lacuna ou desfasamento entre o vivido e o desejável, susceptível de ser colmatada por via de uma acção de formação adequada”. Assim, todas as informações recolhidas nesta fase acerca dos problemas que afectam a qualidade de vida da população são essenciais para que se possa planear adequadamente uma intervenção na realidade em estudo. Deste modo, realizou-se um diagnóstico de necessidades de forma a conhecer os problemas, interesses e motivações do público-alvo. Tratando-se de um bairro social, a entrada no terreno tornou-se mais complicada, pois de acordo com Capucha (1999), os bairros de habitação social são, na maior parte das vezes, considerados um local de pobreza e exclusão social e, por este facto, pouco abertos e receptivos.

“Postos à margem económica, política e cultural da sociedade de mercado em emergência, os habitantes dos bairros sociais encontram-se invariavelmente num processo de destituição como actores sociais e políticos” (Costa, 2004:17). Esta marginalização leva, portanto, a um pensamento generalizado pela sociedade de que “ (...) os bairros sociais não levam a lugar nenhum, não é preciso lá ir ou passar por lá para os serviços que uma cidade oferece. Os bairros sociais ou se habitam ou se evitam.” (Luís Fernandes, cit. por Costa, 2004:20).

Na fase de diagnóstico, privilegiou-se, sobretudo, o recurso a metodologias de cariz qualitativo, destacando-se como técnicas de recolha de dados; as conversas informais e a observação directa

e participante, pois tal como refere Costa (1990:137) “ a frequência do maior número possível de locais do contexto social em estudo, a presença repetida no maior número das actividades de todo o tipo que nele se passam, a permanente conversa com as pessoas a que ele pertencem – são acções com elevado índice de interferência”. Na observação directa e participante, “o investigador entrega-se progressivamente às actividades, (...) registando o máximo de informação. Estes registos são feitos longe dos actores sociais para assim não condicionar as acções” (Hébert Goyette e Boutin, 1994:155).

Estas técnicas de recolha de dados permitiram o estabelecimento de uma proximidade relacional entre nós, os técnicos e os destinatários do projecto, adultos e crianças do Bairro de Monte de S. Pedro. Este contacto revelou a necessidade de ocupar os seus tempos livres de uma forma mais educativa, de modo a valorizarem e desenvolverem as suas competências pessoais e sociais, contribuindo para uma cidadania plena e consciente.

Público-alvo, Finalidade e Objectivos do Projecto

O projecto “Educar Com Arte” teve como destinatários os adultos e crianças do Bairro de Monte de S. Pedro. No entanto, o projecto funcionou em separado e em dias diferentes para cada grupo etário.

No que diz respeito aos adultos, participaram sete/oito elementos por sessão, maioritariamente desempregados, apenas uma senhora era reformada. Relativamente às idades variavam entre os 17 e os 56 anos. Dois elementos tinham o 6ºano de escolaridade, cinco elementos possuíam a 4ª classe e um elemento tinha a terceira classe, não sabendo, contudo, ler nem escrever. No que concerne ao público-alvo que participou na oficina de artes destinada às crianças, este era constituído por seis/oito elementos, com idades compreendidas entre os sete e os treze anos.

Tratava-se de adultos e crianças de diferentes etnias, todos em contexto de exclusão social, facto que espelha vários dramas pessoais e familiares. Tal como justifica Costa (1998:34), “...a privação que o indivíduo sofre é agravada com a permanência na situação de exclusão: perda de identidade social, da auto-estima, da autoconfiança, de perspectivas de futuro”.

De acordo com Guerra (2000: 163), “as finalidades são a razão de ser de um projecto e a contribuição que ele pode trazer aos problemas e às situações que se torna necessário transformar”. Deste modo, a finalidade que fundamentou todo o processo de intervenção do projecto “Educar Com Arte” consistiu em “Envolver a população em actividades socioeducativas e culturais que lhes permitissem ocupar os seus tempos livres de uma forma estruturada e planeada no sentido da valorização e desenvolvimento pessoal e social, contribuindo para uma cidadania plena e consciente, através da Educação pela Arte”. Neste sentido, procurámos com este projecto colmatar ou, pelo menos, diluir o sentimento de exclusão

sentido e vivido pelos moradores do Bairro Monte S. Pedro, contribuindo para a sua integração na sociedade.

No que concerne aos objectivos, como menciona Gingas (cit. in Barbier, 1993:143), “a identificação dos objectivos é o ponto fulcral da planificação e do desenvolvimento”, pois sem estes “a planificação seria cega”. Os objectivos possibilitam planificar mentalmente todo o processo, prevendo o estado final com base no conhecimento do estado actual.

Os objectivos do Projecto, relativamente ao trabalho desenvolvido na Oficina de Artes dirigida aos Adultos, foram os seguintes:

- Conhecer o público-alvo;
- Consciencializar a população para a importância de ocupar os tempos livres no contexto do seu desenvolvimento pessoal e social;
- Promover de forma lúdica e educativa o desenvolvimento pessoal e social do público-alvo;
- Consciencializar o público-alvo para a importância da aquisição de novos conhecimentos que lhes permitam desenvolver-se pessoal, social e culturalmente.

Quanto aos objectivos traçados para as crianças passaram por:

- Alertar as crianças para a importância de ocupar os tempos livres no contexto do seu desenvolvimento pessoal e social;
- Promover de forma lúdica e educativa o desenvolvimento pessoal e social do público-alvo;
- Fomentar o desenvolvimento das capacidades intelectuais e de expressão das crianças.

Implementação das actividades

Uma das formas de desenvolver as práticas sociais da Educação de Adultos e da Educação Infante-juvenil é através da Animação Sociocultural.

A animação distingue-se como um conjunto de práticas, actividades e relações de acordo com os interesses (artísticos, intelectuais, sociais, práticos e físicos) dos indivíduos na sua vida cultural e no seu tempo livre.

A nossa intervenção permitiu que adultos e crianças do Bairro Social Monte de S. Pedro desenvolvessem as suas capacidades pessoais e sociais, a sua criatividade, bem como a sua auto-estima, os seus valores e crenças num espaço de educação não-formal através da Ocupação dos Tempos Livres, no qual a Animação Sociocultural assumiu um lugar de primazia.

Antes de iniciar este projecto de intervenção, esforçámo-nos por conhecer as histórias de vida das pessoas, bem como criar laços para os incentivar e os levar à mudança. Com base nesta intervenção inicial, implementámos, então, um contíguo de actividades, dividido em dois grupos: um para os adultos e outro destinado às crianças. Deste modo, concebemos um espaço lúdico, educacional e formativo (oficina de artes), espaço este que permitiu ao público-alvo desenvolver competências, reconhecer as suas capacidades, elevar a auto-estima e estimular o seu talento criativo.

No que respeita às actividades implementadas com os adultos, foram realizadas visitas à Oficina de Olaria e à Oficina de Bordados, as quais fazem parte do património tradicional e histórico da Cidade de Guimarães. Para além destas visitas, foram organizadas sessões (in) formativas sobre a alimentação, tendo como tema: “Alimentação: O Reflexo da Nossa Imagem”.

Realizámos, ainda, sessões de expressão artística e cultural: oficinas de vidro, barro, porcelana, tela, almofada decorativa, decoração de cestas e caixas e, por fim, criação de sacos de alfazema. Estas oficinas permitiram aos adultos estabelecer uma maior proximidade entre eles; desenvolver as suas capacidades pessoais e competências sociais; elevar a auto-estima; estimular a criatividade e, ainda, aprender a decorar e organizar uma casa com baixos custos.

No que concerne às crianças foram, também, desenvolvidas diversas oficinas, alusivas a diversas temáticas, tais como: realização de desenhos de Natal e construção de porta-canetas; máscaras de Carnaval; capas coloridas; trabalhos com pasta de modelar e prendas para os dias festivos (como por exemplo o do dia do pai). As actividades efectuadas possibilitaram que as crianças desenvolvessem a criatividade e, principalmente, a capacidade de concentração.

Para além das actividades acima referidas, foram realizadas visitas culturais e educativas (Oficina de Cerâmica Castreja realizada na Fundação Martins Sarmento; Visita à Escola de Trânsito em Fafe; Visita ao Cybercentro; Visita ao Estádio do Vitória de Guimarães) que contribuíram, seguramente, para o desenvolvimento cultural e social destas crianças e, ao mesmo tempo, fizeram com que “as crianças em risco” abandonassem, por momentos, o sentimento de exclusão social e se sentissem integradas e aceites socialmente.

Estas oficinas de arte permitiram que os adultos e as crianças comesçassem a conhecer e a valorizar os conceitos “saber-estar” e “saber-ser” no seu dia-a-dia.

Como é possível depreender, as áreas da educação pela arte são importantíssimas para o desenvolvimento pessoal e social, quer da criança, quer do adulto, não só porque a arte é uma excelente forma de expressão mas também porque ela pode ser fonte de interacção cultural, geracional e de prazer.

Esta experiência de estágio possibilitou constatar que a Intervenção Comunitária praticada através da Educação pela Arte e da Animação Sociocultural é um forte instrumento ao serviço

da inclusão social, aquando acompanhada e trabalhada devidamente, com profissionalismo, ética e humanismo.

Nesta fase de implementação de actividades, esteve também presente uma avaliação de acompanhamento que foi desenvolvida ao longo de todo o processo de intervenção, no sentido de assegurar o cumprimento dos objectivos e verificar a adequação dos meios utilizados para esse fim.

Avaliação

Na perspectiva de diferentes autores, todos os projectos devem conter um “plano de avaliação”, o qual se estrutura em função do desenho do projecto, sendo este um mecanismo de autocontrolo que permite, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as trajectórias, caso estas sejam indesejáveis.

A avaliação permite regular e reajustar constantemente o projecto à realidade em que se circunscreve, estando inerente a participação de todos os intervenientes. Adoptando este pressuposto, no presente projecto, optámos por uma avaliação contínua e participativa em todos os momentos do projecto, ou seja, uma avaliação diagnóstica, uma avaliação de acompanhamento e uma avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica propôs-se “proporcionar elementos que permitissem decidir se o projecto devia ou não ser implementado” (Guerra, 2000:195). Realizámos, com este fim, uma análise de necessidades, através da qual se identificou/conheceu o contexto de actuação, as suas necessidades, problemas e reais dimensões, as particularidades da população-alvo, bem como as estratégias de intervenção que vinham a ser desenvolvidas e que se perspectivavam desenvolver, no sentido do reajustamento das práticas ao contexto global de intervenção.

A avaliação de acompanhamento procurou “avaliar a forma de concretização do projecto e deu elementos para o seu afinamento ou a sua correcção” (Guerra, 2000:195). Esta avaliação foi desenvolvida ao longo do processo de intervenção, assegurando a consecução dos objectivos e a adequação dos meios. Destinou-se a proporcionar um dispositivo de auto-regulação e de apoio contínuo ao processo de intervenção, visando melhorar a eficácia e a eficiência das estratégias utilizadas.

Quanto à avaliação sumativa, esta tencionou “medir os resultados e efeitos do projecto” (Guerra, 2000:195) e realizou-se após o processo de intervenção. Destinou-se não só a apreciar o grau de consecução dos objectivos definidos e obtidos, mas também a identificar os resultados obtidos pelo processo de intervenção, quer os resultados esperados e inesperados, bem como os efeitos benéficos e efeitos perversos. Com este terceiro momento de avaliação, pretendeu-se avaliar se as actividades tiveram o êxito pretendido, isto é, estabelecer uma relação entre os resultados obtidos e os objectivos propostos.

No que respeita aos instrumentos usados, torna-se importante referir que se privilegiou os instrumentos de avaliação qualitativa (no sentido de “verificar” a participação, criatividade, autonomia dos formandos) mediante o recurso à observação directa e participativa e às conversas informais.

No final do projecto, foram aplicados Inquéritos de Avaliação Qualitativa às formandas e ao Acompanhante de estágio, de forma a avaliar todo o processo de intervenção, permitindo aos responsáveis pelo projecto uma avaliação mais realista das actividades.

Através da aplicação dos inquéritos de avaliação qualitativa às formandas que participaram na Oficina de Artes, propusemo-nos conhecer o impacto surtido nas formandas pelo facto de participarem na Oficina de Artes, bem como saber quais as suas percepções acerca do trabalho desempenhado ao longo do funcionamento da Oficina. Para além disso, com estes inquéritos de avaliação qualitativa, procurámos conhecer as lacunas do projecto de modo a tentar suprimi-las e a melhorar futuras acções semelhantes.

Ao referido Inquérito, responderam oito formandas, as quais fizeram uma apreciação muito positiva, tal como se pode depreender através das suas respostas: “senti-me bem a fazer as actividades e a partilhar com o grupo” (Inquérito B); “consegui porque a expressividade da formadora era esclarecedora” (Inquérito B); “estava qualificada, foi clara e motivava as suas formandas a obter a participação de todas. E com ajuda todas nós conseguimos” (Inquéritos C, D, E). Referiram, ainda, que “o ambiente era muito familiar e dentro de muito respeito” (Inquérito F) e “gostava de participar noutras actividades para aprender mais coisas”. (Inquéritos D, E)

Concluíram a sua avaliação com comentários aprazíveis, que enaltecem e gratificam a nossa prática de intervenção: “não tenho comentários a fazer apenas tenho a dizer que gostei muito de ocupar os tempos livres deste modo” (Inquérito E); “a formadora foi um amor de pessoa, sempre que precisava ela ajudava-me, foi muito prestável”; “Adoraria que a formadora voltasse um dia” (Inquérito F).

Através do resultado destes inquéritos, foi possível concluir que o trabalho desenvolvido com estas pessoas foi satisfatório e atingiu os objectivos traçados no início do projecto. Acreditamos que, na maioria das situações, as pessoas necessitam de um estímulo, de alguém que as saiba motivar, ajudar, ouvir e compreender o seu mundo. A partir do momento em que conseguimos cativá-las, é possível obter resultados fabulosos e magníficos.

Foi também aplicado um Inquérito de Avaliação Qualitativa ao Acompanhante de Estágio, o qual transmitiu um parecer muito positivo acerca do Projecto. Segundo as suas palavras, “a criação da Oficina de Artes foi um grande passo no trabalho desenvolvido com a comunidade do bairro social, uma vez que até então ainda não se tinha trabalhado um grupo de adultos, e

esta Oficina conseguiu motivar e trabalhar várias áreas no grupo” (Questão nº1). Afirmou, ainda, que “sem dúvida, os efeitos da Oficina foram positivos, uma vez que ela proporcionou trabalhar competências pessoais e sociais, no grupo, assim como a própria coesão de grupo” (Questão nº3). Quanto ao desempenho da estagiária, asseverou que “teve durante o estágio um bom desempenho a todos os níveis, esta Oficina foi muito positiva para o desenvolvimento pessoal e social, uma vez que trabalhou áreas como a alimentação, saúde infantil, higiene, o saber ser e o saber estar em sociedade, a Oficina também trabalhou a parte cultural, proporcionando ao grupo visitas a museus e o contacto com várias e diferentes formas de artes” (Questão nº4 e nº5).

Os instrumentos de avaliação possibilitaram determinar a importância do presente projecto no contexto em estudo e alvo de intervenção. Em suma, através da avaliação contínua e sumativa, pode-se concluir que o mesmo surtiu efeitos benéficos nos seus destinatários.

3. Reflexões Conclusivas

Embora o Projecto “Educar com Arte” englobasse uma panóplia de actividades, sentimos que muito mais há a fazer e a descobrir. O projecto partiu da realidade concreta e, face às necessidades sentidas pelo público-alvo, esforçámo-nos por dar respostas adequadas. Foi um processo elaborado juntamente com todos os actores, considerando-os sempre o motor de acção. É importante nunca adoptarmos uma postura passiva e de distanciamento face ao público com quem trabalhamos. É fundamental perceber as suas histórias de vida, os motivos e as consequências da exclusão de que são alvo, quais as problemáticas inerentes a esse processo e de que forma se pode intervir no sentido de colmatar estas situações.

Um dos princípios básicos da educação prende-se com a criação de condições para que o indivíduo se desenvolva de forma harmoniosa nas suas várias dimensões. Foi, nesta perspectiva, que direccionámos o nosso projecto. Chegámos à conclusão que neste processo existem imensas barreiras e que nem sempre são ultrapassáveis, apesar de todo o esforço nesse sentido. Existem demasiados constrangimentos burocráticos, demasiados procedimentos políticos, demasiados ciclos naturais e sociais nas dinâmicas de vida destas populações que impossibilitam a sua emancipação. As crianças e adultos estão, de certa forma, abandonadas às suas iniciativas pessoais e sujeitas aos estímulos pouco emancipadores da realidade do bairro ou sujeitas às alternativas propostas pelas associações de intervenção social, intentadas em mudar esta realidade.

Uma das grandes lacunas do Bairro de Monte de São Pedro está relacionada com a descontinuidade das acções de intervenção comunitária e social. As iniciativas de intervenção junto da comunidade do bairro, são, frequentemente, de carácter efémero, fugaz, passageiro,

“sazonal”, que podem ter o seu grau de importância, mas perdem eficácia devido ao facto de não serem contínuas, sistemáticas e processuais.

Perante contextos de exclusão social, por vezes, extrema, é necessário que, no terreno, actue uma equipa multidisciplinar de agentes de educação e intervenção social, no sentido de incentivar a comunidade a reflectir os seus próprios problemas, as suas necessidades, bem como facultar as ferramentas necessárias a fim de aprender a ser autónoma na resolução dos seus problemas. Não se pode esperar que estas pessoas tomem iniciativa quando carecem de competências pessoais e sociais e são excluídas de oportunidades. É necessário dar um primeiro passo, esperando que sejam elas a dar o próximo.

Indiscutivelmente, esta experiência vivida em contexto de estágio foi uma mais-valia, permitindo o crescimento e amadurecimento profissional. Apesar dos constrangimentos, consideramos que este projecto foi, também, de extrema importância para os destinatários. No que concerne aos adultos, permitiu a modificação de alguns comportamentos, bem como o seu desenvolvimento pessoal, cultural e social. No que diz respeito às crianças, possibilitou incutir normas e valores da educação e contribuiu, ainda, para o desenvolvimento pessoal, social e cultural das mesmas. Acreditamos que este projecto foi um passo no sentido de uma (trans) formação pessoal dos destinatários e, porventura, da esfera social

Através do contacto de proximidade que se foi estabelecendo com a população-alvo ao longo do decurso do projecto, foi possível depreender que existe, ainda, muito trabalho a fazer no que respeita à problemática do bairro social.

O importante é reflectir sobre as iniciativas pedagógicas, procurando novas formas de actuação e tornar as práticas de intervenção comunitária em acções contínuas e diárias, a fim de surtir mudanças sociais duradouras.

Notas

O projecto de estágio “Educar com Arte”, foi concebido, implementado e avaliado pela aluna Paula Patrícia Ribeiro Alves do 5º ano da Licenciatura em Educação, área de pré-especialização de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. A sua orientação científica esteve a cargo da Professora Maria da Conceição Antunes.

Referências Bibliográficas

Ander-Egg, (2000). *Metodologia y práctica de la animación sociocultural*. Madrid. Editorial CCS.

Barbier, Jean- Marie. (1993). *Elaboração de projectos de acção e planificação*. Porto: Porto Editora.

- Besnard, P. (1991). *La animación sociocultural*. Barcelona: Paidós Educador.
- Capucha, L. M. (1999). *Grupos desfavorecidos face ao emprego*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Capucha, L. M. (1999). Pobreza, exclusão: horizontes de investigação In *Debates*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM).
- Costa, F. A. (1990). A pesquisa de terreno em sociologia, In A. Santos Silva & J. Madureira Pinto. (Org). *Metodologia das ciências sociais*. (pp. 127-140) Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, A. (1998). *Exclusões sociais*. Cadernos Democráticos. Edições Gradiva.
- Costa, Abraão (2004). *Cavaleiros do poder*. Braga: Oficina S. José.
- De Ketele, J.M. (1994). *Guia do formador*. Horizontes Pedagógicos.
- Guerra, I. C. (2000). *Fundamentos e processos de uma sociologia da acção. O planeamento em ciências sociais*. Lisboa: Principia.
- Lessard-Hérbert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (1994), *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Unesco (1998). *V Conferência internacional sobre educação de adultos – Cofitea*. Lisboa: Ministério da Educação.